

25 AGO 1941

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



VASCO SANTANA cómico extraordinário tem ao lado de RIBEIRINHO uma hilariante interpretação na comédia «O PAI TIRANO» da Prod. A. L. R.

2.ª SÉRIE — N.º 42 — PUBLICA - SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS — LISBOA, 25 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO: 1\$50

VASCO SANTANA

tem na comédia

«O PAI TIRANO»

uma grande criação



Vasco Santana actor a que o público não resiste — actor que vence tôdas as plateias para as fazer rebentar a rir, tem andado longe do palco e da tela, a fazer saúdes a quantos apreciam o seu trabalho alegre, exuberante e irresistivelmente comunicativo.

No palco já o público não o vê há uns meses. Na tela desde a «Canção de Lisboa» nunca mais andou a imagem do grande cómico português.

Pois, agora, com «O Pai Tirano» vamos tornar a ver Vasco Santana num papel digno de enfileirar ao lado das suas melhores criações.



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nos Officinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4.8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

25 de Agosto de 1941
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano 78\$00
Semestre 39\$00
Trimestre 19\$50
Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZA-
ÇÕES, LIMITADA — Largo
Trindade Coelho, 9-2.º (Telef.
P. A. B. X. 27507) — LISBOA

NOVOS CAMINHOS PARA O CINEMA PORTUGUÊS

Terminam esta semana as filmagens de "O PAI TIRANO"

Quando fundou o «Animatógrafo» António Lopes Ribeiro queria um jornal para defender o Cinema e vulgarizar e defender os bons princípios e os bons espectáculos de cinema e — principalmente, para apoiar a criação em bases de continuidade, duma indústria nacional de cinema, sem o que não haveria nunca Cinema Português. Nasceu em boa hora o «Animatógrafo» porque, apesar de todas as dificuldades da época que atravessamos e de muitos outros espinhos que apresentava a realização deste sonho dos nossos cinéfilos — apenas meio ano decorrido sobre o aparecimento do primeiro número do nosso jornal abrem-se novos horizontes diante do Cinema-Nosso, do Cinema Português para a criação do qual António Lopes Ribeiro bramava e com toda a razão, como agora se vê, «que era preciso não desanimar».

Nunca em tão curto espaço de tempo foi tão intensa a actividade dos estúdios portugueses. Além de dezenas de documentários e filmes pequenos, o «Animatógrafo» viu estreiar «O Pôrto de Abrigo», viu filmar «Lóbas da Serra», «Ala, Arriba!» e o «Pai Tirano», primeira fita da primeira organização que em Portugal vai produzir filmes sonoros com regularidade. Em poucos meses o cinema nacional teve quatro fitas e todas diferentes de assunto e de finalidade. Não há dúvida que são todos de esperanças os novos horizontes do Cinema Português.

Terminam esta semana as filmagens de «O Pai Tirano»

Obedecendo a um plano de trabalho minuciosamente estudado e onde tudo previamente havia sido estabelecido, as filmagens da Produção número um de António Lopes Ribeiro terminam esta semana. O magnífico rendimento com que os trabalhos correram serviu para verificar a «máquina» que António Lopes Ribeiro criou para produzir os seus filmes e que, apesar de se encontrar pela primeira vez em laboração, provou com resultados evidentes a sua boa concepção e funcionamento. Mas produzir com continuidade tem vantagens e oferece, a quem realiza o esforço de arranque, mercedas compensações. A brigada técnica da Prod. A. L. R. vai entrar no seu segundo trabalho sem se interromper e vai por isso melhorar

A primeira Produção António Lopes Ribeiro, que começou a rodar-se em 7 de Julho, estreiar-se-á no EDEN no dia 19 de Setembro

com os bons ensinamentos da experiência todo o seu trabalho. Melhorar sempre tem que se transformar numa lei fundamental para a existência do Cinema Português.

Os inimigos do trabalho

Mesmo correndo de maneira a justificar as ideias mais optimistas não se pode dizer que as filmagens do «Pai Tirano» não foram prejudicadas pelos inimigos do trabalho cinematográfico. Houve vários que se apresentaram na hora própria, que é sempre a hora em que fazem mais transtorno e menos se desejam.

Uma avaria mecânica irreparável no momento cortou ao meio as filmagens no Alto de Santa Catarina que só se puderam concluir muitos dias mais tarde. Durante dias seguidos a equipe manteve-se alerta para concluir a cena mas o tempo não deixava por causa da forte ventania. E o tempo (que se revelou outra vez o inimigo n.º 1 das filmagens) interrompeu outra vez de madrugada, com uma chuva miudinha e irritante uma cena que só nos últimos dias da semana passada se conseguiu filmar.

«O Pai Tirano» apanhou ainda outro susto que o obrigou a suspender por dois dias os seus trabalhos — a falta de negativo que só com grandes dificuldades chegou da América, felizmente a tempo de impedir maior dano e em quantidade suficiente para nos deixar tranquilos para o futuro.

Não há récita de gala no Eden a 19 de Setembro

Quando em sete de Julho se começaram a fixar as primeiras imagens do «Pai Tirano», estava já marcada uma data para a estreia do filme. Estão praticamente prontos todos os trabalhos de filmagem do «Pai Tirano» que acabam nos primeiros dias desta semana. A data que foi fixada há pouco mais dum mês ao empresário Lopo Lauer mantém-se

ainda: «O Pai Tirano» vai estreiar-se no Eden a 19 de Setembro, dois meses depois de se ter começado a filmar. O caso é inédito em Portugal, revela a capacidade de trabalho dos agrupamentos técnicos portugueses, demonstra a necessidade da organização ousada e completa dentro da indústria cinematográfica e serve para convencer de vez os sinceros pessimistas que de facto estão abertos diante do Cinema nacional novos horizontes. Dizemos sinceros porque aos pessimistas-derrotistas não interessa a luta por esta conquista em que todos andávamos empenhados.

Vão adiantados já os trabalhos de preparação da segunda fita da Prod. A. L. R. — «O Pátio das Cantigas» cujos trabalhos no estúdio devem começar dentro de duas semanas. Vai repetir-se, e ainda mais apurado, o caso do «Pai Tirano»: um plano de trabalho, uma organização, um compromisso e a fita estreada dois meses depois. E depois do «Pátio das Cantigas» virá outra produção e outra e outra — porque já existe o Cinema Português.

Assim sendo, as estrelas das fitas normais portuguesas vão passar a ser acontecimentos normais, vão deixar de revestir-se daquele ar de coisa rara, vai, portanto, deixar de ter récita de gala. E, assim, «O Pai Tirano» vai estreiar como qualquer fita, normalmente, em jeito de produção contínua, sem récita de gala. Mesmo porque se assim não fosse não haveria peitinhos nem colarinhos que resistissem tanta gargalhada vai haver. — P. H.

Morreu ANNIE VERNAY

Morreu Annie Vernay

A notícia sensibilizou-nos porque a gentilíssima actriz era, hoje, uma das mais curiosas certezas do cinema francês. O nosso público tinha-a fixado em «Tarakanova» e ficara encantado com a sua beleza e a sua mocidade. Não era ainda a estrela fulgurante que domina o cérebro e o coração dos cinéfilos, mas sentia-se que tinha condições para subir mais alto.

Ingressara nos estúdios do seu país aos dezasseis anos. Bonita, elegantíssima, duma grande finura e distinção, Annie Vernay cativava produtores e realizadores. Era uma esperança, mas os cineastas depositavam nela tantas esperanças que não hesitaram em lhe confiar o primeiro papel feminino da versão sonora «Tarakanova». Pode dizer-se que uma das razões do êxito deste belo filme foi justamente a interpretação de Annie Vernay.

Figurinha romântica, insinuou-se no público, que decorou rapidamente o seu nome. Em face do êxito, os produtores escolheram-na para incarnar a personagem de Carlota, no filme «Wherter». E tão bela e deliciosa era a artista que o romance de Goethe — embora distanciado da psicologia contemporânea — encontrou acolhimento justo das platéias. O fil-



Annie Vernay

me, embora muito cuidado, não interessou talvez vivamente o público, habituado ao dinamismo do cinema americano, porém Annie Vernay impôs-lo com a sua boa vontade, com a sua ajustada interpretação, com o seu sorriso, com a sua juventude saudável e comunicativa.

Annie Vernay, que estava pa-
(Conclui na pág. 14)

ARIEL L. VARGES

O célebre «cameraman» das actualidades, de passagem em Lisboa, fala-nos da sua profissão e da sua vida

Uma entrevista por Raúl FARIA DA FONSECA



Ariel L. Varges, se o virem passar na rua ou sentado à mesa numa esplanada da Avenida, faz lembrar o hamburguês das gravuras, que não concebemos senão na companhia da alta caneca de cerveja de grande asa e tampa de metal; todo ele gordura e barriga, todos o tomariam pelo mais pacífico e inactivo dos capelistas, filho de capelistas, neto de capelistas e, decerto, pai e avô de capelistas. Mas, afinal, não há capelistas na vida de Ariel L. Varges; nem capelistas, nem pacifismos e inactividade, nem cerveja a decalitrar. Nem nada dessas coisas que, à primeira vista, julgamos adivinhar nele. De tudo isso, apenas restam a gordura, a barriga e, também, os olhos vivos e brilhantes, aos quais nada passa despercebido. Quando me falaram nele, reconstitui imediatamente, de mim para mim, a figura do *cameraman*: alto, seco, magro e nervoso, de máquina às costas; calções de golf...

Mas Ariel L. Varges surgiu e, lá se foi a minha reconstituição. Anda vestido como eu e, o que é mais curioso, a despeito de pesar, decerto, o dóbdo do que eu peso, leva-me a palma em agili- dade e ligeireza.

É o homem célebre mais mo-

desto que conheço. Embora seja o mais notável e antigo dos operadores de actualidades, nunca fala nos seus feitos naquele tom habitual com que as *celebridades* contam as suas *aventuras famo- sas*.

Para Mr. Varges, ser operador de actualidades é ser um trabalhador como outro qualquer. Apenas essa profissão exige um pouco mais de actividade e de energia.

— «É necessário ter-se a consciência de que o operador de actualidades não tem domingos, nem feriados, nem horas de folga. Por vezes, passam-se semanas no mais absoluto repouso. Mas, quando há trabalho, deixa-se de comer e de dormir, se tanto for necessário».

Ariel L. Varges começou a vida como jornalista, fazia reportagens para os diários america- nos.

Um dia — isso aconteceu em 1913 — surgiu-lhe uma oportu- nidade para tentar o mais emocio- nante de todos os géneros de reportagem — o das actualida- des cinematográficas. Desde en- tão, correu todo o Mundo e não há país europeu que não conhe- ça... de antes e depois de 1914 e de antes e depois de 1938!

Pergunta-lhe se, com efeito, é sincera essa preferência.

— «Sem dúvida! — responde — Prefiro as reportagens cine- matográficas às dos jornais, não só porque aquelas são mais emocio- nantes, mas ainda porque são também mais verdadeiras. Quem escreve reportagens... acrescenta um ponto; quem filma aconteci- mentos não pode deturpar a ver- dade. Só se filma o que se vê».

Ariel Varges fala-me, depois, do papel desempenhado pelas actualidades cinematográficas, da sua missão recreativa e cultural. Diga-se, de passagem, que é mu- to difícil entrevistá-lo. Quando se lhe pergunta qualquer coisa, faz- se muito sério e fica a pensar

durante largo tempo na resposta. Mas, se abre a boca para satis- fazer a nossa curiosidade, então é difficilissimo fazê-lo calar. Enquan- to não esgota todas as suas re- cordações ou todas as suas opi- niões, não pára de falar. E, ain- da acêrca de actualidades de ci- nema, termina:

— «Hoje em dia, o público dei- xou de se interessar pelas actua- lidades de características mera- mente culturais e de divulgação. Aprecia-as apenas sob o ponto de vista político. Já em Portugal re- parei nisso também. Os exhibi- tores, para evitar manifestações desagradáveis, vêm-se na ne- cessidade de fazer anteceder as re- vistas duma legenda especial, em que se pede calma e compostura. É esse o meu maior desgosto, não só porque representa um retro- cesso na marcha da civilização, mais ainda porque prejudica a nossa vida de operadores de actualidades. Nos tempos que vão correndo, apenas vale a pena fil- mar o assunto da guerras».

— «Tem filmado esta?» — pre- gunto.

— «Com difficuldade. As censu- ras militares não nos deixam tra- balhar à vontade. A Alemanha, por exemplo, tem os seus opera- dores, todos eles incorporados no exército germânico. Filmam tu- do, mas, em regra, não apresen- tam todos os assuntos em público, porque os utilizam como documen- tos preciosos para fins militares».

Ariel Varges esteve na guerra de 1914, na de Espanha, na da China, na da Etiópia, etc.... Po- de-se dizer que nem só uma de- las lhe escapou. De todas, a que mais o emocionou foi a da Abis- sinia, pela disparidade de recur- sos dos exércitos em combate.

— «Em Espanha, o momento mais impressionante que me re- corda ter filmado foi o da entra- da de Franco no Alcazar de To- ledo, depois da heróica resistên- cia dos cadetes e da libertação da

praça forte. Jámais esquecerei esse espectáculo emocionante, so- bretudo a expressão de Franco, a um tempo dolorosa e radiante, quando o Caudillo, com os olhos rasos de água, fixava, ora a mul- tidão delirante de alegria, ora as trágicas ruínas do Alcazar».

— «E na China?»

— «A China foi o mais rico as- unto para os *cameramen*. Desde que os generais tivessem a certe- za de que não nos serviríamos dos documentários para fins po- líticos, davam-nos as maiores li- berdades. Também aí conheci um momento emocionantíssimo, quan- do o avião em que voava passou sobre as muralhas milenárias».

— «Hollywood utilizou alguma vez os seus documentários em fil- mes de enredo?»

— «Nunca. Apenas os alemães em «Capp Putsch».

— «Mas, *Reporters à prova de fogo*, de Gable e Loy, não tinha pedaços de documentário da guer- ra da China?»

— «Isso é uma história muito comprida... De facto, fui eu quem teve a ideia; mas alguém se apro- veitou dela, fazendo os possíveis por estragá-la».

Pergunto-lhe porque se encon- tra em Portugal.

— «Porque pretendo seguir pa- ra a América. Já não sou preciso nos teatros de operações, porque não me deixam filmar senão o que não interessa ao público».

— «Nem mesmo na Chna?»

— «Nem mesmo na Chna! E, note-se: adoro a China. Vivi nes- se maravilhoso país de 1930 a 1935 e filmei toda a guerra da Manchúria. Mas, agora, depois que se criou a censura no Orien- te, já não oferece interesse o exercício da minha profissão».

— «Quare dizer, então, que os *Cameraman* das actualidades já nada têm a fazer?»

— «Não é bem assim».

Ariel L. Varges recorda coisas da sua vida e leva-me até aos tempos remotos da sua iniciação de *cameraman*.

(Continua na pág. 14)

UMA MANHÃ NO ESTÚDIO



Arthur Duarte, além de técnico e artista profissional de Cinema não perde a oportunidade de ser fotógrafo, embora amador. Tem sempre a máquina carregada e surpreende, fazendo no celuloide, imagens curiosas. Desta vez, em certa manhã... 1.º — Joaquim Prata ao sair da maquiagem vem sorridente. 2.º — Vasco Santana mata a sede na primeira torneira que encontra. 3.º — Armando Machado toma o pequeno almoço e arregala os olhos de satisfação. Três instantâneos que são três momentos de actividade de três artistas de «O PAI TIRANO»



FRED ASTAIRE

Conforme informámos recentemente, o famoso bailarino vai aparecer ao lado de Bing Crosby, no filme «Holiday Inn», da Paramount, para o qual Irving Berlin escreveu dezasseis números de música



*A vida é um film....
 filmar é revivê-la,
 em absoluta realidade,
 eternamente.....*

Tôda a vida é acção, movimento. É o sorriso da mulher... as «traquinices» da criança... Um Ciné Kodak Oito tudo regista, sem perda do menor detalhe. Só éle fixará a vida tal qual éla decorre em cada instante.

Centenas de milhares de pessoas dedicam-se à filmagem como a uma das melhores diversões... Não perca mais tempo. Adquiera o seu Ciné Kodak Oito e filme aqueles acontecimentos da vida que mais deseje conservar para todo o sempre... Será enorme o seu prazer!

Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente



KODAK. LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

PANORÁMICA

■ Um congresso internacional

Recentemente, efectuou-se em Berlim, um Congresso de Cinematografia internacional, a que assistiram delegações de numerosos países. A Itália, o Japão, a Hungria, a Eslováquia, a Roménia, a Bulgária, a Croácia, a Turquia, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Filândia, a Holanda, a Bélgica, a Espanha, a Suíça e os países do protectorado germânico estiveram representados. Portugal não estava representado oficialmente porque não houve tempo de tratar do assunto.

Todavia, esteve presente a todas as reuniões do Congresso o nosso amigo F. Quintela, da Lisboa Filme — conforme se pode ver num dos jornais da Ufa recentemente exibido na capital.

Nesse Congresso, ventilaram-se importantes assuntos relativos à cinematografia europeia, muito principalmente de ordem técnica.

■ Mirla e Vasco

Efectuou-se há dias o casamento de dois artistas muito queridos do nosso público: Mirla Casimiro, a intérprete de «Maria Papoila» e de tantas peças do teatro popular, e Vasco Santana, o impagável, e inimitável Vasco Santana a quem nos referimos hoje, e merecidamente neste número.

Um casamento de artistas é sempre um caso digno de registo, muito principalmente quando eles têm a popularidade e a categoria de Mirla e Vasco.

Por esse motivo, «Animatógrafo» saúda aqueles dois artistas, que só contam amizades nesta casa, desejando-lhes um futuro próspero e feliz, que constitua uma colecção de êxitos e uma afirmação progressiva das qualidades que todos lhes reconhecem.

■ Seixas Pereira

Seixas Pereira, o estimado actor de teatro, é também um apreciável elemento de cinema. Os leitores vão ter ocasião de o admirar e de o aplaudir em «O Pai Tirano», onde interpreta o papel do Seixas, da secção de vidros, nos armazéns Grandela, e furioso dramático que tem de incarnar a personagem de um mordomo, na peça a exibir no Teatro dos Grandellinhas.

No nosso último número publicámos uma foto com Seixas Pereiras, mas convém rectificar a respectiva legenda. Assim onde devia vir o nome daquele actor, lê-se o de Vasco Santana. Ora, naquela cena, quem contracena com Barroso Lopes é, de facto, o Seixas... dos vidros.

Feita a rectificação, apaz-nos chamar mais uma vez a atenção dos leitores para o consciencioso actor que tem, em «O Pai Tirano», um trabalho digno de registo.

■ Pascal vai, Pascal vem...

Gabriel Pascal — que é, inevitavelmente, uma pessoa irrequerida — voltou a sair de Lisboa. Desta vez não foi, como ele ambicionava, para se dirigir a Espanha com os seus sessenta colaboradores e muitos camións carregados de material de som. Pascal voltou à América, desiludido. A «United Artists» fechou os olhos ao prejuízo. Mostra esperança de realizar «Cristóvão Colombo», o produtor de «Pigmaleão» pôs também de lado, pelo menos por agora, o projecto de realizar um filme de envergadura sobre «Vasco da Gama».

Pascal regressou a Hollywood. Sabe-se que vai produzir «The snow goose», cuja acção se desenrola, em grande parte, durante a retirada de Dunquerque.

Parece que Paulette Goddard será a protagonista.

O «VERDE-GAIO»

Que os gaíos não são verdes sabem-no todos, com certeza, o que não impede a adopção geral da expressão comum e trivial de «o verde-gaio». «Verde gaio» é, no entanto, nome bonito e foi bem escolhido para o grupo coreográfico de Francis que o S. P. N., muito louvavelmente, apresentou, em sessões populares, ao povinho sedento de bons espectáculos.

Cremos que o êxito obtido por estas formosas exhibições no Coliseu excedeu a expectativa dos próprios organizadores. Nós vimos casas cheias, público interessado que assobiava os longos — embora necessários — intervalos e que aplaudia calorosamente cada número; ouvimos o estrépito de palmas espontâneas e arrancadas da alma e alguns gritos isolados, desprendidos da geral: «Bravo! Muito bem!» e o inevitável «Bis!»

Estes espectadores que aplaudiam tão frenética e vivamente não eram, na sua quasi totalidade, frequentadores do S. Carlos; não: eram elementos do povo, gente simples, sensível, que sabe sentir e sabe gostar. A gente pobre e humilde estava ali, comprimindo-se como em noite de circo: a mesma gente pobre e sã que viramos, noites seguidas, na Exposição do Mundo Português, boquiaberta e deslumbrada a folhear, pavilhão por pavilhão, oito séculos de história nacional.

Esse mesmo público foi o tal que também encontramos no Chiado Terrasse a aplaudir e a admirar «Poder e Glória», filme rejeitado por salões de grande classe, que o haviam considerado (ou desconsiderado) produto impróprio para os seus espectadores.

Ora, a soma destes três casos — Exposição do Mundo Português, «Poder e Glória» e «Verde Gaio» — leva-nos a uma conclusão curiosa.

Ouvimos dizer já, num grupo de revisteiros:

— Ora! não vale a pena fazer melhor! O público não sabe o que quer, o público não tem sensibilidade!...

Com esta frasezinha bastante triste procura-se afinal defender e esconder o mau gosto dos autores, a sua mandrice ou o seu fraco espírito criador.

Demonstramos por A + B que o nosso público não é destituído de gosto. Um público que compreende e gosta de ver a Exposição do Mundo Português — «é tão bonita! ouvimos dizer a uma velhinha de chaile preto e lenço na cabeça; já aqui venho três vezes e não será a última!» (E esta mulher decerto viveria com dificuldade e roubaria ao almôço do dia imediato a quantia necessária para pagar a sua entrada no recinto) —; um público que aplaude e acorre, semanas a fio, a um filme de categoria — e até de transcendência — como «Poder e Glória»; um público que sente e vibra de entusiasmo perante o espectáculo exuberante de beleza criado pelo S. N. P. e realizado por Francis — não pode, de modo algum, ser apodado de alarve e de saloio. (E como ele soube distinguir a «Dança da Menina Tonta»!)

Tanto é verdade o que dizemos que o público foge aos teatros (e muitos são!) onde se representa mal!...

E, se enche as casas populares onde se exibem revistinhas baratas e de duvidoso gosto, não é porque prefira ou aprecie o género: é que não tem melhor!

Cremos que o público mais «público», ou seja, o mais singelo e o menos culto, preferirá bons espectáculos a maus espectáculos. Porisso, ele nunca faltou às boas comédias, nem aos bons dramas, sabe quem é Greta Garbo e admira os bons intérpretes.

«Verde Gaio» — eis o melhor índice para quem serve a multidão que procura divertir-se.

Felicitemos daqui o S. P. N. por ter conseguido demonstrar — embora sem ter essa intenção — que o público português compreende e gosta dos espectáculos de arte, — de Arte com A grande, como o do famoso «Verde Gaio», por suas mãos criadas.

MOTA DA COSTA

P. S. — Escrevemos estas linhas após a visão de certa revista, que nos fez recordar as belas noites do «Verde Gaio», no Coliseu.

E não pareça extemporâneo aborremos nestas colunas tão curioso assunto, porquanto é sempre útil saber-se como reage o público e justo prestar homenagem à acção cultural do Secretariado da Propaganda Nacional. — M. da C.

■ «Rin-tin-tin» desmobilizado

«Rin-Tin-Tin», que os cinéfilos da velha guarda conhecem muito bem e que aplaudiram numerosas vezes em filmes dramáticos, foi um dos heróis ignorados desta guerra.

«Rin-Tin-Tin», o cão-actor que ganhou fortunas — ou melhor, que deu fortunas a ganhar a seu dono — Ted Michaud — fora, como decerto sabem, mobilizado no princípio da campanha de França. Como muitos

outros cães, «Rin-Tin-Tin» ingressou nas hostes auxiliares, servindo como agente de ligação e como elemento precioso das ambulâncias, trabalhando na descoberta de feridos, levando-lhes socorro, e conduzindo até eles os maqueiros, os enfermeiros e os médicos.

«Rin-Tin-Tin», cão intelligentíssimo, foi sempre prestável e por vezes duma temeridade inaudita. Conheceu a guerra nas

(Continua na pág. 12)

A ÚLTIMA PALAVRA DO CINEMA ITALIANO

por A. DE CARVALHO NUNES



Vanna Vanni e Carlo Romano numa cena da comédia «Um marido per il mese d'aprile», realizada por G. Simonelli

Evocamos o nascimento do cinema italiano, a sua marcha por vezes difícil através de terrenos ainda não desbravados pela experiência, a grande mestria, e depois anunciamos que havia chegado a hora do seu ressurgimento.

Resta-nos dedicar algumas palavras ao panorama actual, ou seja fazer menção dos frutos mais recentes e apetitosos desse ressurgimento.

Contam-se hoje em Itália pelo menos quatro realizadores de primeiro plano.

Há quem compare Augusto Genina, tão nosso conhecido quando da sua actuação nos estúdios franceses, a Duvivier ou a Brown. Tem atrás de si uma larga obra, um passado que é um manacial de ensinamentos.

O homem que compôs em imagens a Sinfonia da Despedida, traduzindo como ninguém a alma dum gare à hora pungente da Partida, quando entre lenços que acenam e lágrimas que se furtam, o grito da locomotiva tem qualquer coisa de desgarrador e de humano, Genina, enfim, se aborda os mais diferentes géneros do espectáculo cinematográfico, mantém em todos eles o mesmo traço característico de forte personalidade.

A sua última realização «I Cadetti dell'Alcazar», obteve em Itália um esplêndido acolhimento.

Propósito arrojado este, de trazer para a tela a gesta imortal de Moscardó e dos seus bravos companheiros. Mas compreende-se, também, que o cinema italiano se tivesse deixado seduzir por tão aliciente tema.

Genina fez face às dificuldades, traduzindo com dignidade a heroicidade do feito. A crítica aponta o «Alcazar» como um dos melhores filmes do ano.

O realizador Blasetti figura na vanguarda dos melhores valores do cinema italiano. «Esemplio d'uomo innamorato del suo mestiere e d'artista istintivo», é considerado como o mais fiel intér-

prete da linguagem cinematográfica. O seu estilo traduz isso mesmo: joga com a luz e com o «efeito» cinematográfico, fugindo do processo teatral como dum pecado feio.

Será ele compreendido? Afigura-se-nos que sim, visto que a sua última obra, «Salvator Rosa» colheu o mais sincero aplauso da crítica, pela direcção vigorosa que acusa e pela pureza do estilo a que se mantém fiel.

A super-produção «Corona di ferro», cuja realização está pre-

sentemente em curso e em que se dispenderam avultadas somas, deve trazer para Blasetti a admiração dos cinéfilos mais desconfiados ou desprevenidos.

Camerini é talvez, dos realizadores de maior nomeada, o mais equilibrado, o mais prudente, como dizem.

Mas a sua realização, a que não falta um sópro de poesia («Romantica Avventura», trabalho muito recente, confirma tal), tem sempre a harmonia e a robustez das boas construções arquitectónicas. É, em suma, um artista consciencioso, que se revê na sua obra.

Ainda há pouco tempo passou nas nossas telas um filme de Gallone «Manon Lescaut», e não poucas pessoas terão ainda uma vez chorado os amores infelizes e românticos de Manon.

Outras óperas têm sido realizadas por ele, como a «Cavalleria rusticana», «Don Pasquale», etc.

As realizações de Gallone encontram junto do público uma aceitação lisongeira, como aconteceu com «Oltre l'amore», «Melodie eterne», «Rose Scarlatte», «Pazza di gioia», «Follie del secolo», «Abruna Messias» e «Dora Nelson».

E como a lista não está completa, pode o leitor avaliar das qualidades de trabalho de Gallone

e do favor que o grande público lhe dispensa.

Não vale a pena prosseguir neste *desfilar* de nomes de artistas consagrados; a *desafiar* — infelizmente — a ignorância do leitor...

Apenas nos queremos referir a uma finalidade essencialmente prática de que informa a produção italiana.

Se ela não fôsse atingida, o espectáculo seria uma mera manifestação artística.

Ora exige-se mais do que isso: o cinema deve trazer para o primeiro plano a vida, no que ela tem de superior, de anseio de perfeição.

Bom filme será aquele que leve a mocidade a admirar tudo quanto é puro, nobre e generoso.

É bem de ver que só se poderá fazer um mundo melhor — com homens melhores.

Da parada de valores que constitui hoje o cinema italiano uma certeza resalta, e é essa que nos apraz trazer a público: *tal como se apresenta nos nossos dias, o cinema italiano merece ser trazido até nós.*

Mais: a bem da nossa cultura cinéfila, é mister passar nas nossas telas uma selecção cuidada

(Conclui na pág. 14)



«La corona di ferro» tem uma encenação luxuosíssima. Alessandro Blasetti, o realizador, não se poupou a esforços para apresentar uma super-produção de categoria. Gino Cervi e Elisa Cegari interpretam os primeiros papéis

INTÉRPRETES DE «O PAI TIRANO»

Tereza Gomes e Armando Machado

Tereza Gomes. Um nome de uma artista, por demais conhecida, que desnecessário se torna apresentar. Um passado glorioso iniciado aos 25 anos de idade como corista na Companhia Taveira.

— Foram oito anos de actividade obscura — contou-nos — no tempo em que para ser corista era indispensável possuir-se qualidades de artista e voz, e não apenas, um corpo agradável como hoje acontece. Havia então o respeito pelas artistas, que é como quem diz, um respeito mútuo. Atingira a Arte teatral, nessa altura, em Portugal, o seu apogeu, e um dia os artistas da Companhia organizaram um espectáculo dedicado às coristas em que estas interpretavam os seus papéis e vice-versa.

Alguém notou então o feito cómico que Tereza Gomes deu à personagem que interpretou e passado algum tempo foi convidada para representar um dos papéis da revista de Eduardo Schwalbach «O Pé de Meia». E tão bem resultou o seu trabalho que não houve revista do autor de «A Bisbilhoteira» em que Tereza Gomes não entrasse.

Um dia, em 1933, organizou-se a Tobis Portuguesa e Continelli Telmo ia realizar «A Canção de Lisboa». Tereza Gomes foi chamada para interpretar, acompanhada de Sofia Santos uma das figuras do filme: — as tias do Vasco. Recorda hoje, os trabalhos por que passou e sorri ao lembrar alguns momentos agradáveis:

— Uma vez o Chakatury, caracterizador do filme, pintou a Sofia Santos e eu depois ao encontrar-me com ela, notei que trazia um pequeno buço e não pude deixar de pensar: a Sofia deixou crescer o bigode.

Mas, após o almoço, verifiquei que ele já não existia e perguntei-lhe intrigada: — Sofia, que fizeste ao teu bigode?

«—?

«—?

«— Possivelmente comi-o!

«Fiquei deveras surpreendida, mas depois compreendi. Era tudo maquilhagem, que o Chakatury não bem sabia fazer!

Para Tereza Gomes é bem mais fácil trabalhar no Cinema que no Teatro.

— É certo — acrescenta — a notável característica que no Cinema se derrete um pouco mais as banhas, mas confesso que para mim me agrada muito.

«Mas há mais: O Cinema valoriza extraordinariamente o trabalho do artista. No Teatro tudo são, por vezes, dificuldades, invejas, injustiças e maledicências. No Cinema, encontra-se uma seriedade que nem sempre existe no Teatro. Compreende-se portanto quanto eu simpatizo com o Cinema. Ah! Se eu tivesse sempre trabalho no Cinema deixava de trabalhar para o Teatro.

Tereza Gomes, característica inconfundível declara que prefere a comédia.

— Não me sinto bem — disse-nos — ao interpretar uma personagem dramática, mas ao con-

Dois artistas cómicos de grande valor, têm duas hilariantes interpretações no primeiro filme da produção António Lopes Ribeiro



O bufete é uma dependência, absolutamente indispensável em qualquer teatro de amadores que se preza. Tereza Gomes e Armando Machado não podem deixar de visitar o bufete para tomarem qualquer coisa... antes da representação de «O Pai Tirano» ou o último dos Almeidas...»

trário, isto é, na comédia, sinto-me como peixe na água.

«Assim, ao conhecer o meu papel de «O Pai Tirano» tive uma enorme satisfação. Representei com toda a minha alma, e espero, que apesar de pequeno, este meu trabalho agrade.

«Sou artista de teatro e sou também cinéfila. Há um actor que adoro ver representar: Harry Baur.

A governanta do palacete que se apaixona pelo Machado e que não perde a ocasião para molhar os beijos, figura que Tereza Gomes anima com a sua veia de grande artista cómica, vai obrigá-lo a manter-se de gargalhada em gargalhada o espectador que assista à exibição de «O Pai Tirano».

ARMANDO MACHADO

No tempo em que o «Fado» era a mais célebre e popular das operetas portuguesas, quando por toda a parte se cantavam as canções da que foi modelo e inspiração de tanta peça do mesmo género, Armando Machado era um jovem actor que se havia estreado havia pouco tempo e que logo no seu primeiro trabalho tinha despertado a atenção do público e da gente de teatro.

Armando Machado tinha-se estreado na companhia Taveira no ano de 1919 na revista que tantos

éxitos devia obter na sua longa e popular carreira — «o Zé da Castanha».

A carreira do popular actor tem sido longa e rica.

Uma tarde tomava Armando Machado o seu café no «Palladium» quando apareceu o Artur Duarte para o levar a fazer uma prova cinematográfica. António Lopes Ribeiro filmava o «Gado Bravo», precisava dum bom cómico para contracenar com o grande Sigfried Arno: escolheu Armando Machado. Foi assim que se ganhou um magnífico actor para o Cinema Português. Machado apaixonou-se também pelo trabalho do estúdio e sempre que lhe deram novas oportunidades de aparecer diante da câmara nunca mais faltou: — Era o «Polícia» da «Maria Papoila»; na «Aldeia da Roupas Brancas» interpretava o «Zé da Iria» guarda-freio da carris de Lisboa; nos «Lobos da Serra» cabo da guarda-fiscal, amigo inseparável do sargento Batata que Manuel Santos de Carvalho interpreta e finalmente em «O Pai Tirano» Machado será o contra-regra dum grupo de amadores dramáticos... além de caixeiro do Grandela.

Armando Machado é entre a gente do teatro um dos mais animados e engraçados conversadores. A volta dele todos riem com as anedotas e as piadas do Ma-

chado. Há dias quisemos saber quais eram as suas impressões mais fortes no Teatro e no Cinema. E o Machado contou:

«Olha, uma vez no Brasil, andava a visitar alguns elementos dominantes da colónia portuguesa para propaganda da festa de despedida da companhia. Tínhamos arranjado um programa completíssimo com algumas boas atracções brasileiras e toda a companhia no máximo rendimento. Falamos disto a um comerciante, dissemos maravilhas, contámos tudo e o homem ouviu-nos durante uma quantidade de tempo até que por fim perguntou — Mete box?

«Passei o dia mais triste da minha vida».

— E uma emoção do Cinema?

— A maior foi no «Gado Bravo». Eu devia passar a correr atrás do Siegfried Arno por uma rua fora. Começou-se a filmar e nós largámos. Mas quando chegámos a meio da rua surge da outra esquina um garraio tremalhado. Não te digo nada — a corrida que se aproveitou foi a filmada ao contrário. O maior susto de todos os tempos.

Se nós dissemos ao leitor que Machado anda sempre alegre a filmar «O Pai Tirano» — já por aí pode começar a calcular que o seu porteiro-contraregra vai cair no agrado do nosso público.

UM MUNDO NOVO NO MUNDO DAS IMAGENS!

HOLLYWOOD

A fisionomia dos jornais modificou-se bastante nestes últimos tempos. Os títulos dos telegramas de guerra engordaram, ao passo

dade, o afundamento de um submarino, o torpedeamento de um navio de guerra — e isso sim, será emocionante, será recebido

brinda-nos com algumas surpresas!

GRETA GARBO

principiou a aparecer em público, nas festas da Cinelândia!

Anuncie-se a queda de uma ci-com alvoroço, com certa vclúpia sinistra pelos amantes de notícias sensacionais.

Numa hora de catástrofes grandiosas, o casamento de Judy Garland ou a presença de qualquer importante vulto da tela forçosamente passam despercebidos como factos menores indignos de notícia. O próprio criminoso, que mata a sogra com vinte e cinco facadas, deve espantar-se ao ver que o jornal não traz a sua gravura na primeira página — éle que esperava ficar em evidência com o seu triste feito!

Os acontecimentos cotidianos foram relegados para plano inferior. O público prefere saber se se registaram avanços na «frente tal» ou se a «cidade tal» não é inexpugnável, como dizem certos técnicos. A guerra é o grande motivo de distração nos dias que correm. Há, até, quem deixe de ir ao cinema para ficar em casa, de pijama, lendo os jornais ou ouvindo no seu aparelho de rádio de ondas curtas notícias que nun-

ca conferem umas com as outras...

Antigamente, apesar da sua magreza, os nossos jornais ainda encontravam espaço para tudo, espaço para as figuras gradas das elites políticas mundiais e para os simples celerados lombrosianos. Do mesmo modo, o mundo do cinema não se via despojado da publicidade. Não seria aquilo que nós, fiéis adoradores desse Deus mágico feito de celuloide, queríamos. Mas, deixá-lo! O cinema não deixava de estar presente nesses minguados quartos de páginas.

Agora, o caso mudou de figura. Ninguém, como os cinéfilos, desejara com mais força a terminação desta guerra cruel, pois ela sepulta-lhes no esquecimento e reduz-lhe a importância dos seus ídolos feitos de sombra e luz. E para nós — isso é grave. Este interesse pela guerra, este desprezo em que vão caindo as outras coisas, é sintoma capaz de gerar apreensões. Sempre tive para mim que um povo só começa

a deixar de ser feliz quando começa, também, a pensar em coisas sérias...

O cinema é, ainda hoje, o verdadeiro cidadão do Mundo. Não sei quem criou esta expressão

concreta, ilimitada e profunda, que não distingue raças nem fronteiras. Ela é feliz. Mais ainda: é eloquente. E quantas coisas interessantes, dignas de nota, vão por esse mundo das imagens!? Não



que os outros emmagreceram. Os acontecimentos do dia, os «fait-divers» que a reportagem por vezes explorava exaustivamente, quasi desapareceram para ceder lugar às notícias vindas pelo telegrafo sem fios de todas as frentes, muitas vezes seguidas dos respectivos desmentidos para serem publicados no número seguinte...

Tudo o que não seja «guerra» é resumido em duas linhas displicentes. Em torno de qualquer assunto que versa aquele tema podemos discorrer à vontade, certos de que milhares e milhares de leitores acompanharão até o fim as nossas considerações por mais prolixas que sejam. Tenho pena do cinema e dos seus soldados. Nem um nem outros despertam a menor parcela de interesse.



julguem que exageramos. Reparem nesta página e vejam como estas gravuras não foram postas aqui para «enchers».

Greta Garbo domina tudo. É a sua última fotografia. E que diferença dos seus antigos retratos! Os seus cabelos loiros escorridos desapareceram para dar lugar a uma cabeleira tratada, retocada por qualquer famoso «mes-

tre escamas» de Hollywood. Garbo civilizou-se! Abandonou o seu ar de «metida consigo» e começou a aparecer nos centros de cavaco e de diversão da capital do cinema. Está diferente — e bem diferente! Deixou de ser a esfinge, deusa misteriosa — que tomava banhos de sol nos seus jardins rodeados de muros altos. O seu sorriso é de quem não sente na sua alma triste a saturação da glória e da fama. É mesmo de quem já não se recorda das suas colegas de barbearia, onde, humilde e operária, ensaboava os fregueses.

E para quê? Elas continuaram a mastigar o seu anedótico triste de todos os dias, a ensaboar caras e a dependurar vestidos nos seus corpos de carne loira, ao passo que ela, a Greta, a Divina Greta, a antiga figurante dos filmes de publicidade de Estocolmo, é arquimilionária, célebre, desejada...

Recomendo, agora, esta imagem de um par feliz que regressa da sua viagem de núpcias. É Judy Garland e o seu marido, o conhecido director de orquestra Dave Rome. Vêm de Las Vegas — essa terra de Nevada, onde há certas visões de paisagem ao luar que parecem feitas em verso. Vêm de um cenário de sonho que justifica aventuras, idílios inocentes e onde, mesmo no inverno, se pode amar, deitado na neve como se nos espojassemos numa

paisagem primaveril coberta de flores brancas...

Mais abaixo, têm Victor Mature. É o novo ídolo feminino das cinéfilas americanas. Não pode imiscuir-se entre a multidão sem temer o perigo de lhe rasgarem em tiras o fato. É uma feliz mistura do tipo Valentino com o tipo «gangster».

E, para terminar, estas duas gravuras de Flower Parry e de Jackie Coogan. Ela, como o seu próprio nome diz, são 19 anos em «flowers». É a nova esposa do eterno «Garoto de Charlott». Os noivos tiveram curtas férias visto aquele estar a servir, presentemente, como voluntário no Exército norte-americano. Uma das gravuras é prova evidente da sua actividade na tropa.

Como vêem, passa-se muita coisa digna de nota no mundo do cinema. Ainda brilham «astros» e «estrelas» neste céu que num drama profundo os homens se empenham em cobrir de lágrimas e de crepes como se não houvesse escombros da outra guerra, leivos de mortes, catedrais mutiladas, órfãs, viúvas, feridos e do-

AUGUSTO FRAGA

No próximo número:
**UMA VANDERBILT
CASA COM UM ASTRO!**

ENCONTROS E DESENCONTOS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

CUIDADO COM A FICÇÃO!

Os dias de mercado, na minha terra, eram dantes o domingo e a terça-feira e são agora a terça-feira e o sábado.

Uma noite, fui eu ao teatro, a



ver «Os Ióbo», interessantíssima peça de João Correia de Oliveira e Francisco Lage, superiormente interpretada pela companhia do Teatro Nacional, dando a minha direita, no camarote da direcção, a um velho amigo, velho fidalgo, pessoa muito distinta, embora, por vezes, tratada ou apontada com certa ironia, por ter o fraco, nada invulgar em gente de idade, de se julgar, ou querer parecer, sempre moço, sempre elegante, sempre requintado.

Pois no fim do primeiro acto, levantou-se o meu amigo e quando eu julgava que iam dar a nossa volta pelo largo corredor dos camarotes ou no salão, ele despede-se de mim, num suspiro de enfado, e vai a retirar-se, vestindo o seu agasalho.

Com surpresa lhe pergunto se está incomodado, se quer que o acompanhe a casa.

Responde-me, simplesmente:

«Gente de pé descalço, vê-se por aí ao domingo e à terça-feira, até demais...»

E lá se foi embora, com o seu desdém e o seu tédio.

Aqui está um indivíduo, um gentil-homem, um espírito, que o cinema português dificilmente satisfaria.

Mas nem só esse género de indivíduos tem o mesmo género de exigência. Suponho que ela se encontra em todas as classes e com variadas intenções; se uns desejam continuar a ver no cinema os seus ambientes mais ou menos familiares, outros pretendem conhecê-los, curiosamente; se al-

guns saboreiam assim, como se a vissem, circunstâncias de conforto e de luxo, também haverá quem lhes espreite as fraquezas, as inferioridades, os ridículos; se temos os que apreciam o bom-gosto ou a arte dos arranjos de interiores, dos mobiliários e das decorações, e os jardins, e os parques, certamente se fixarão mais, outras atenções, nos trajes, nas fardas, nas casacas, nos vestidos de noite, e nas jóias, e nos adornos...

Difícil, ou só muito ficticiamente, poderá o cinema português satisfazer este género de exigência.

Portugal é um país deliciosamente remediado; com a propriedade muito dividida, sem a grande fortuna, portanto, tem um nível de vida quase uniforme em todas as classes, com costumes, gostos e sensibilidades semelhantes.

Não há em Portugal, nem mesmo nas grandes cidades, uma vida de sociedade, uma vida mundana, intensa, rica, agitada e vistosa.

Lisboa pode dizer-se que não tem mais de meia dúzia de ocasiões no ano em que vá buscar aos seus guarda-fatos, que sempre cheiram um pouco a naftalina, os trajes de noite e de cerimónia que vestirá com o evidente constrangimento do desvio dos seus hábitos de pacatez cotidiana.

Não nos deslumbremos, pois,



com a ilusão de que podemos fazer fitas cujos entrecos se passem nos grandes meios elegantes, ou cosmopolitas, em que qualquer capricho é caro, qualquer apetite, uma ruína e qualquer deslize de cortesia ou de aprumo, um escândalo irremediável.

Nem nos desgostemos do nosso trem de vida, do nosso viver mediano, tranqüilo, virtuoso, de pura, singela suficiência.

Episodicamente, e aproveitam-

do algum dos eventuais afluios de gente estrangeira que procura sossego e refeições de mais de um prato, nesta pobre Europa revolta e jejua-se, poderia, talvez, o Estoril fornecer meia dúzia de quadros para um filme de mundanais aspectos e superfino enredo, a que não faltaria alguma das autênticas e fugitivas estrelas que ali esperam o «Clipper» para, como estrelas cadentes, cruzarem, deixando o traço vivo do seu esplendor, nos céus do Atlântico, até à América, acolhedora ou desconcertante.

Mas seria então um filme internacional, passado na nossa terra, falado em quatro ou cinco línguas, um filme poliglota, cuja acção se desenrolaria, sem prejuízo, na Grécia, antes da invasão, ou em Barcelona, depois da guerra civil, e só seria de português o local, o Palace e o Casino, a luz e a paisagem.

Ora o cinema português, deve, essencialmente, dar a conhecer e evidenciar o meio, os costumes, as características felizes e construtivas da Raça e da Nação, na sua existência e nas suas projecções.

Já um tanto se tem abusado do folclórico, ou antes, já bastante se tem mal-aproveitado e é preciso muito bom senso, equilíbrio e são critério, passe o lugar-comum, para não cairmos no *chimfrim*.

Faz isto lembrar o que aconteceu há uns trinta anos com a arquitectura portuguesa.

Com a mais alta, portuguesaíssima e apaixonada intenção, lançou Raúl Lino, num livro em todos os seus aspectos, superior, com o título — «A Nossa Casa», as bases, os princípios fundamentais duma arquitectura que procurava os seus motivos e as suas soluções nas tradições nacionais e regionais, na experiência e ensinamentos que os homens focam colhendo e executando, através dos tempos, e conforme os climas, as altitudes, as paisagens, as condições e influências das nossas províncias.

Numa dúzia de projectos, como espécimens, apresentava o que deveriam ser as habitações do Minho e do Algarve, da montanha e da beira-mar, dos lugares mais diferentes de Portugal.

Foi um sucesso, um triunfo e... uma tragédia.

Pouco tempo depois, não havia mestre de obras que não fizesse *arquitectura portuguesa* e o país apareceu, como se uma epidemia

tivesse grassado, alaistrado por essas lindas terras, da cidade ou da vila ao campo, do vale à serra, da várzea à praia, do Norte ao Sul, cheinho de casas em que se multiplicam os telhados, as alpendres, as portas de postigo, as janelas de vidros pequenos, os painéis de azulejos.

Uma verdadeira epidemia e, como tal, uma horrorosa tragédia.

As organizações que se intitulam folclóricas, também estão a pedir regulamentação, «controlex», censura, talvez.

Os grupos e ranchos, cantadores e dançarinos, começam a competir, nos figurinos por que se vestem, detestáveis estilizações que vão da couve lombarda ao *catitismo* de bairro, e nos repertórios de canções e danças brejeiras e provocantes, vêm já com-



petindo com os mais vulgares e mais tristes *naipes* de coristas das revistas de teatro.

Estamos na eminência de ver o próprio povo lamentavelmente desfigurado, substituído pela sua caricatura.

Cuidado, pois, cuidado, cautela com a ficção!

ACÁCIO LEITÃO

AS FOTOGRAVURAS
E ZINCOGRAVURAS
DE

«ANIMATÓGRAFO»

são feitas na

Fotogravura
Nacional

R. da Rosa, 273 / Tel. 20958

L I S B O A

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

JOHN FORD dirige para a FOX o filme «How Green Was My Valley» que custará milhão e meio de dólares!

John Ford, um dos «Top names» entre os grandes realizadores americanos, dirigiu já esta época dois filmes recebidos pela crítica dos Estados Unidos com aqueles louvores a que a alta categoria do encenador de «Cavalgada Heróica» nos habituou. Um deles foi «The Long Voyage Home», visto já entre nós com o título de «Tormenta a Bordo». O outro, para a Fox, foi a transposição cinematográfica «Tobacco Road», a peça de Jack Kirkland, antigo director de «Life» ex-marido de Nancy Carroll, que em Nova York obteve um êxito absolutamente fenomenal, conservando-se ininterruptamente no mesmo teatro mais de oito anos, tendo nesse período mudado de intérpretes principais mais de seis vezes!

Agora os dirigentes da Fox, onde John Ford tem trabalhado

em numerosos filmes, desde os tempos já distantes do «Cavalo de Ferro» de 1924, confiaram-lhe a realização do filme de maior importância e de mais elevado



John Ford

custo que aquela empresa jamais produziu. Trata-se da adaptação cinematográfica da novela de Richard Llewellyn «How Green was My Valley», considerado na Amé-

rica o maior êxito de livreria depois de «Gone with the Wind» — uma obra com um tema humano, em que o conflito emocional e os problemas nele postos apresentam separadamente interesse para os espectadores de todo o mundo. Foi precisamente pelo seu aspecto de história de interesse universal, e portanto com a quasi certeza dum êxito total, que a 20th Century-Fox ousou investir na produção desse filme uma forma fora do vulgar, e agora mais que nunca, em que as economias são a regra em Hollywood — um milhão e quinhentos mil dólares!

Para se avaliar a grandeza da obra empreendida basta dizer que um dos «decors», construído em pleno campo, de Bent's Crag, local perto de Hollywood, réplica duma aldeia mineira, custou a bagatela de 110 mil dólares, dois mil setecentos e cinquenta contos!

Interpretam o filme Roddy McDowall, Walter Pidgeon, Anna Lee, Maureen O'Hara, Donald Crisp, John Loder, Patric Knowles, Sara Algood, Phyllis Williams, John Sutton, Arthur Shields, James Monk, Evan Evans e Ri-

Hollywood em pêso festejou os trinta e três anos de actor de cinema de HARRY CAREY

Harry Carey, é hoje talvez, apenas com Hobart Bosworth — este mesmo um pouco já afastado dos estúdios — o único actor de cinema gozando de categoria cuja actividade cinematográfica vem dos tempos heróicos do nascimento do cinema americano, datando a sua estreia de Julho de 1908, altura em que foi contratado para aparecer em quatro filmes de «cow-boys» para a pioneira National Film Dist. Co. Em 1910 David Wark Griffith trouxe-o, por sua vez, para a Califórnia para interpretar «The Sheriff's Baby».

Precisamente para festejar o 33.º aniversário da carreira notável e extraordinariamente preenchida, do celebrado *Cayena* dos

filmes do oeste, que o velho Central exhibiu assinalável número de vezes, a Paramount organizou luzidos festejos comemorativos desse memorável acontecimento.

Cêrca de quatrocentos convidados, entre os quais se encontravam as mais representativas personalidades do cinema de Hollywood, deslocaram-se ao rancho de Harry Carey, em Sangus, na Califórnia onde tiveram lugar essas festividades que constaram, entre outros atractivos da projecção de numerosas cenas de filmes interpretados por Harry Carey durante a extraordinária carreira do protagonista de «Trader Horn». Entre eles foi exibido o primeiro filme interpretado pelo homenageado, intitulado «Bill Sharkey Last Games».

Além disso foi também exibido pela primeira vez, em «world-premiere», o último filme de Carey, «Shepherd of the Hills», da Paramount, em que ele interpreta o protagonista.

Os dirigentes da Paramount tiveram a preocupação de convidar para essa ocasião os realizadores com quem Harry Carey tem trabalhado, desde Oscar A. Lund, de 1908, até Henry Hathaway de 1941, alguns deles já retirados, outros produtores e executivos de hoje: Howard Hawks, Wesley Ruggles, Michael Curtiz, Glenn Tryon, Lew Landers, Christy Cabanne, Wallace Fox, Garson Kanin, Frank Capra, Eddie Sutherland, Robert Florey, James Hogan, Les Goodwins, Stuart Heisler, Charles Lamont, Charles Barton, W. S. Van Dyke, Alfred Werker, Otto Brower, Elmer Clifton, Lambert Hillyer, Mal-

chard Frazer. Toma parte também o côro negro de Tudor Williams, que não só cantará, como aparecerá em várias cenas.

Nas filmagens será também utilizada pela primeira vez uma nova «camara» que permite a sensação quasi absoluta do relêvo. O maior segredo envolve a construção dessa aparelhagem a ninguém sendo permitido aproximar-se dela. Arthur Miller é o operador.

Um novo «Tarzan»

O espírito imaginativo de Edgar Rice Burroughs, o autor celebrado de «Tarzan», continua a servir em grande parte de base dos argumentos dos filmes que a Metro Goldwyn Mayer periodicamente lança no mercado, traçando as proezas e as aventuras, numa selva mais ou menos de fantasia, do par Johnny Weissmuller-Maureen O'Sullivan, especialistas encartados das figuras famosas de Tarzan e da sua meiga companheira. De novo Richard Thorpe está dirigindo o filme desta época, que se intitula «Tarzan's Secret Treasure». O pequeno John Sheffield, que apareceu pela primeira vez no «Tarzan» que o Eden exhibiu o ano passado, Tom Conway, actor inglês trabalhando agora em Hollywood, Philip Dorn e Barry Fitzgerald são os demais intérpretes de «O Tesouro Escondido de Tarzan», de que Clyde de Vina é o fotógrafo.

A reconstituição da discutida retirada de Dunquerque

No filme de 20th Century-Fox, «A Yankee in the R. A. F.», interpretado por Tyrone Power e Betty Grable, que como o título deixa antever claramente traça as aventuras de um americano que, logo ao princípio da guerra, se alista nos Forças Aéreas Inglesas, será reconstituída a tão discutida retirada de Dunquerque pelo exército inglês.

Para dar a essa sequência, que terá no filme primordial importância, um cunho de perfeita autenticidade, encontra-se em Hollywood um oficial que tomou parte naquela batalha, que actuará como conselheiro técnico.

colm St Clair, Harold Young, D. W. Griffith, Fred Kelsey, John Ford, Jacques Jaccard, George Marshall, Stuart Payton, Robert Z. Leonard, Val Paul, Hunt Stromberg, Lloyd Ingraham, Scott Delpap, Reeves Eason, Dell Henderson Ed. Sedgwick, Clarence Brown, William Nigh, William Berke, Ford Beebe, Tod Browning, Jack Conway, Fritz Lang, Sidney Saitow e Edward M. Cohn.

A esta festa, simpática e enternecedora, assistiu também a mulher de Harry Carey, Mrs. Olive Golden, que foi a sua primeira «leading-lady», nos filmes de 1908!...

GRETA GARBO usa fato de banho e dança no seu novo filme

Greta Garbo, que como se sabe está já interpretando o seu novo filme para a Metro Goldwyn Mayer, uma comédia com o título oficial de «The Twins» «As Gêmeas», sob a direcção de George Cukor, interpreta um duplo papel, o de duas irmãs gêmeas, mas de caracteres absolutamente opostos. É numa dessas figuras, a da irmã-rapariga moderna, *glamorous* e cultivadora do *flirt*, que Greta Garbo aparecerá de fato de banho, especialmente desenhado por Adrian.

Além disso Garbo dançará uma requetada rumba com Robert Sterling, um novo artista que interpreta a personagem dum jovem actor que se enamorou daquela mesma irmã.

A distribuição do filme, que é formada também por Melvyn Douglas, a actriz de teatro Ruth Gordon e Roland Young, foi agora acrescida de Constance Bennett.

COISAS INDISCRETAS

Betty Grable, a nova paixão de George Raft

Os novos amores de George Raft estão chamando a atenção de Hollywood, onde ainda não foi esquecido o seu romance de amor com Norma Shearer, que só não resultou num casamento, certamente pomposo e certamente feliz, pois era flagrante a satisfação com que ambos conviviam, devido à intransigência da primeira mulher de Raft, que só a tróco de avultada esportula consentia nesse divórcio. E como Norma encarassem com relutância uma situação mais ou menos falsa, preferiu pôr no romance um ponto final.

Betty Grable, a formosíssima rapariga, insinuante intérprete de «Sinfonia dos Trópicos», considerada pelos desenhadores de modas americanos como John La Gatta, Mc Clelland Barclay, Gilbert Bundy, Neyssa Mc Mun e Alberto Varga a rapariga de mais bela plástica dos Estados Unidos, é hoje a paixão séria de George Raft, nunca ninguém os vendo, um sem o outro, em qualquer parte.

Betty Grable é divorciada de Jackie Coogan, continuando porém amigos, como se nada houvesse entre ambos.

A FEIRA DAS FITAS

«LUZ QUE SE APAGA»

(The Light that failed)

Richard Carson, autor do argumento deste filme, limitou-se a fazer simples transposição do romance de Rudyard Kipling (um dos primeiros publicados pelo escritor inglês), e não uma verdadeira adaptação cinematográfica desse livro. Já vai longe o tempo em que as obras literárias sofriam toda a espécie de modificações ao serem vertidas para o cinema. Nessa altura entendia-se que a adaptação cinematográfica impunha a alteração sistemática da obra original. O público porém reagiu — porque não reconhecia na tela as novelas que tinha lido em casa. E então Hollywood adoptou o sistema de transpor com a maior fidelidade possível as obras literárias que resolve transformar em filme, chegando por vezes ao exagero, nesse escrupulo de fidelidade. A construção, as exigências formais, a estética romanesca ou teatrais são tão diferentes da cinematográfica que nem sempre é consciente manter no filme o que está no romance ou na peça, para se obter na tela o mesmo efeito dramático ou emocional. Por isso considero casos exemplares de adaptação cinematográfica o trabalho de Sidney Howard para o «Veneno Europeu» (adaptação do «Dodsworth» de Sinclair Lewis) e o de Charles Mac Arthur e Ben Hecht para «O Monte dos Vendavais» (adaptação do «Wuthering Heights» de Emily Brontë), por terem sabido transpor para o cinema esses dois romances, modificando-os apenas no que era necessário (mas não hesitando em o fazer) e conseguindo transportar para o celuloide o seu espírito, a sua essência.

Richard Carson pecou, quanto a mim, por excesso de fidelidade, especialmente na primeira metade da sua adaptação. Daí resultou uma certa flutuação da intriga e do interesse do espectador, cortada aliás por várias cenas que prendem a atenção por motivo de vária ordem. Depressa, porém, deixam de se fazer sentir os efeitos do exagerado escrupulo do adaptador: a acção dramática intensifica-se e domina cada vez mais o público, num crescendo gradual, até ao fim do filme — tal como acontece no livro.

Em encenação da película, por qualquer aspecto por que se considere, é excelente. William A. Welman soube mais uma vez coordenar perfeitamente os vários elementos da encenação, de forma a obter o melhor rendimento de cada um deles e o melhor efeito total. Merecem referência as decorações, orientadas pela competência de Hans Dreier, e o carácter de toda a reconstituição da época (final do século passado). A realização tem coisas óptimas. São de citar o combate no Sudão, no princípio, em parte fil-

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«LUZ QUE SE APAGA» (Paramount)

- As interpretações de RONALD COLMAN (Dick Helder), WALTER HUSTON (Torpenhow) e IDA LUPINO (Bessie).
- A propriedade e cuidado da encenação, dirigida por WILLIAM WELMAN com brilho e segurança.
- As cenas do combate no Sudão, das poses de Bessie e da carga de cavalaria final.

mado de cima de um «praticável» de muitos metros de altura; as cenas de pose, muito bem marcadas; a carga de cavalaria final e o plano que fecha o filme, em que se vê o cavalo branco do protagonista galopar desde o fundo do horizonte até ao primeiro plano, onde jaz, sem se ver, o corpo do seu cavaleiro. W. Welman foi nessa cena, com aliás em todo o filme, muito bem servido pelo operador Theodore Sparkuhl.

Ronald Colman tem no protagonista, o pintor Dick Helder, mais uma bela criação. Considero Colman um dos melhores actores do cinema, e não será este filme que abalará tal opinião, formada já há muitos anos — pelo menos desde o «Beau Geste», que vimos em 1927. De então para cá a sua

segurança só tem aumentado, a sua proverbial economia de efeitos nunca foi desmentida, a sua personalidade tem vindo a definir-se e fortalecer-se. A carreira de Colman atravessou há tempo um período crepuscular que me parecia singularmente injusto. Felizmente estamos hoje a assistir a uma nova fase de brilho e prestígio, inteiramente justificada.

As excepçãoisíssimas faculdades de Walter Huston não foram postas à prova pelo seu «Torpenhow», papel de limitadas exigências que esse espantoso actor faz, como é óbvio, o melhor possível. Dudley Digges compôs uma curiosa figura de correspondente de guerra, que faz lembrar a famosa personagem similar ima-

ginada por Júlio Verne no seu «Miguel Strogoff».

A actriz inglesa Ida Lupino — que pertence à dinastia dos Lupinos, populares artistas britânicos — obtém todos os sufrágios no desempenho de Bessie, uma pobre flor das ruas de Londres, e impõe a comparação com Wendy Hiller não só pela identidade da figura com a Elisa do «Pigmaleão», mas também por uma certa semelhança física e por uma nítida influência de processos de composição (especialmente na entoação). Muriel Angelus, que vimos há pouco na Sereia de «A Tortura da Carne», não impressiona melhor do que nessa sua outra interpretação. E é pena, menos por ela do que pelo equilíbrio do filme.

Há que anotar ainda a infelicidade da tradução das legendas, pormenor que começa outra vez a aparecer pouco cuidado, e da escolha da oportunidade para o famigerado segundo intervalo, que corta uma das cenas culminantes do filme. — D. M.

Informamos que a inscrição nos Serviços de Selecção de Interpretes, das PRODUÇÕES ANTÓNIO LOPES RIBEIRO está suspensa apenas temporariamente. ANIMATÓGRAFO avisará os interessados logo que reabra a inscrição.

PANORÁMICA

(Conclusão da pág. 5)

suas fases mais cruentas e dolorosas. Certa vez, quando desempenhava uma missão importante, no Sector Wissembourg, foi gravemente ferido. O Alto-Comando francês recompensou a sua dedicação, premiando-o.

Agora chega-nos a notícia de que o famoso cão foi desmobilizado.

«Rin-Tin-Tin» volta ao cinema.

Segundo notícias telegráficas, o seu próximo filme será «Primeiro Baile», com Maria Dea.

Enfim, nos dias de hoje, a tão decantada vida de cão é apenas isto: heróicidade, sacrifício e trabalho!

■ Anna Neagle e Gracie Field

Passaram por Lisboa, a caminho de Londres, onde vão trabalhar num filme de homenagem à memória de Amy Johnson, a conhecida vedeta Anna Neagle e seu marido o realizador Herbert Wilcox.

No próximo número publicaremos uma entrevista com os notáveis criadores de «Sessenta anos de glória», «Rainha Vitória», «Irene».

A hora a que «Animatógrafo» fôr pôsto à venda também deve ter saído de Lisboa, no «Clipper» que trouxe Anna Neagle, a actriz Gracie Field, que se encontrava no Estoril e se dirige a Nova York.

■ Walt Disney no Brasil

Walt Disney, o célebre criador da «Branca de Neve e os Sete Anões» encontra-se no Rio de Janeiro, em companhia de sua esposa e dos seus principais colaboradores.

Disney assistiu, numa sessão de benefício organizada pela esposa do sr. dr. Getúlio Vargas, à exibição do seu último filme: «Fantasia».

A propósito, informamos que este novo trabalho do famoso desenhador será projectado em Portugal, na próxima época.

■ Aos nossos assinantes

Como nos têm chegado aqui numerosas reclamações de assinantes que informam não receber o «Animatógrafo» a tempo e horas ou não o receber mesmo, ainda que fora de horas, vimos declarar não nos caber a responsabilidade do facto, visto este hebdomanário ser expedido PARA TODOS OS ASSINANTES, aos sábados à tarde, com a máxima regularidade e sem excepções.

Todavia, agradecemos que nos comuniquem o que se passa, afim de reclamarmos providências.

OS PRODUTOS DE BELEZA **ZINÁLIA** SÃO MAGNÍFICOS. USE-OS

O Corifeo de Bel Tenebroso?

1038 — ALL AMERICA (Lisboa). — O primeiro filme sonoro exibido em Portugal foi *Sombras Brancas, nos mares do Sul*, de W. S. Van Dyke. — Fica entendido que serás um consulente assíduo e entusiasta. Podes escrever-me cartas grandes ou pequenas. Como quiseres!

1039 — AMAMOS AS MORENAS. (Braga). — Não posso perceber a razão da vossa afirmação: «Também vimos *Pinochio*, mas francamente, não gostamos nada do filme. Ficámos completamente, desiludidos». Ainda que cumprissem todas as condições Vv. nunca poderiam fazer parte do «Clube do Animatógrafo». Não gostar de *Pinochio*? — É lamentável que Braga tenha apenas cinema duas vezes por semana. Esse facto dá a medida da exiguidade do nosso mercado. — Na próxima temporada veremos dois filmes de Deanna Durbin: *Parada da Primavera* e *Nice Girl*.

1040 — I LOVE YOU, JUDY GARLAND (Espinho). — Tarde piaste, amigo. Ela casou, há pouco, com outro. — Recebi a tua carta em verso de pé quebrado e com rimas um bocadinho forçadas: «modernos a rimar com Oscar de Lemos» e «récordman» com «Judy Garland». Isso é futurismo, amigo, mas do mau... — Deanna Durbin e Mickey Rooney devem ser, pela certa, os dois astros mais populares em Portugal. Outros há que têm um enorme cartel: Garbo, Gary Cooper, Clark Gable, Charles Boyer, Jean Arthur, Lamarr, Lamour, etc... — O filme estrangeiro que detém o recorde de permanência no cartaz é *Balalaika*. Mas não digas isto a ninguém...

1041 — HERMES (Pórtio). — Se há mais de dez anos ias ao cinema, porque de cinemas gostavas, podes, perfeitamente, inscrever-te no *Clube do Animatógrafo*. — Este leitor deseja cartear-se com Antinea I, *Pinochio*, *Janet Gaynor*, *Melita Sarrafi*, *Cabral*, *Miss Século XX*, *Uma gaia cinéfila* e *Benjamina*.

1042 — ATIRADICO (Lisboa). — Podes comunicar epistolarmente com a Judy Garland e a Maureen O'Hara escrevendo-lhes para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia, e para RKO-Radio Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Se pretendes justificar o pseudónimo com as estrelas da Cinelândia, tenho a impressão de que perdes tempo e trabalho...

1043 — OSLEC (Pórtio). — Transmittirei ao João Mendes «os cumprimentos da rapaziada nortenha da Ada-Filmes». — A Gloria Jean é uma artista com talento e com futuro. Tenho a impressão de que, se os estúdios quiserem, ela chegará onde chegaram a Deanna e a Shirley. — O

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEPROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

Mickey Rooney, suponho, não pensa por ora em dedicar-se à tarefa de realizador. Ele próprio declarou que guardava esse recurso, para quando estivesse a decair como actor.

1044 — OLGA ROSA RIBEIRO (Lisboa). — A Ingrid Bergman concluiu, há pouco, para a Metro, *Rage in Heaven*, um filme onde se estuda a alma dum criminoso. É suca, de gema.

1045 — BOB TAYLOR (Lisboa). — Podes escrever à Mary Beth Hughes para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Quanto às outras moradas que pedes, tem juízo...

1046 — SALUSTIANO — John Gilbert morreu há alguns anos. Disse-se que foi, de facto, uma das paixões de Garbo.

1047 — MANUEL, UM PESCADOR PORTUGUES. (Coimbra). — Folgo por que te hajias reconciliado com a Judy Garland. É, fora de dúvida, uma das artistas-jovens de mais futuro. É a voz?! Que assombro! — Este leitor pede-me que transmitta a Antinea e Primavera as suas melhores saudações e gostaria de saber o que é feito da leitora de *Cinéfilo* que, naquela revista, se encobria sob o pseudónimo de Deanna Durbin (Covilhã).

1048 — DANIEL (Maeira-Liz). — Sê bem parecido! Tenho o maior prazer em receber-te nestas colunas. — Podes escrever à Dorothy Lamour para a Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Dum modo geral, as estrelas mandam foto sem exigir a prévia remessa de dinheiro. Mas, se não estiverem pelos ajustes, elas próprias se encarregam de o dizer, em seguimento ao pedido que formulares. — Kay Francis nasceu a 14 de Janeiro de 1906. Tem, portanto, 35 anos — É preferível aguardares melhor oportunidade para solicitares de Danièle Darrieux a ambicionada foto.

1049 — AMEI, ETC. — Tem paciência, amigo, mas arranja outro pseudónimo. Este, com três tempos de verbo, parece-me pouco cinematográfico... Se enverdadessemos por semelhante caminho, onde chegaríamos?! — Ficas inscrito no número dos meus assíduos leitores. — A tua carta foi transmittida em tempo. — Transmitti igualmente a Lopes Ribeiro a notícia do agrado com que acolhestes *Feitiço do Império*.

1050 — GAROTA DE LISBOA (Lisboa). — Espero que a estas horas tenhas visto *Sinfonia dos Trópicos*. É um belo filme. Este ano, veremos Carmen Miranda em *That Night in Rio*. A famosa sambista está agora a interpretar *Week-end in Havana*, local onde eu não me importava de passar um sábado e o domingo, dada a minha paixão pelas cubanas e pelos charutos, dois «produtos»

que só lá é que têm verdadeiro sabor. — O físico, em matéria de cinema, vale pouco. E a mais clara demonstração deste facto está nos prémios de beleza que nunca passaram de «chorus-girls» e das Garbos e Hepburns, que sendo feias (na expressão académica das suas linhas) são artistas geniais. O «it» é complexo de definir. Poderemos dizer que é o conjunto de qualidades e defeitos que nos atrai irresistivelmente para uma pessoa do sexo oposto. — *Alentejana dos Olhos Verdes*, pelo menos com este pseudónimo, está ausente das nossas páginas. No entanto tenho a certeza de que ela está entre nós... — Transmittito a *Pinochio* as tuas saudações.

1051 — SWING CINÉFILO. — O semanário «Aventuras Policiais» pareceu-me um prodígio de engenho. — Deves dirigir-te à *Produção António Lopes Ribeiro*, para solicitares a autorização que pretendes. É possível que possamos anuir ao teu desejo. Sobre o assunto nada mais te poderei dizer.

1052 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA (Lisboa). — Greta Garbo não é considerada uma das primeiras «money maker stars», na América, por várias razões entre as quais a do seu prestígio ser maior na Europa. — Porque motivo é que as raparigas gostam do Tyrone Power e do Robert Taylor? Pela mesma razão que tu admiras Betty Grable ou a Dorothy Lamour... — De todos os actores que citas, prefiro o Spencer Tracy. Mas é difícil dizer-te, mesmo dentro deles qual é o melhor actor!

1053 — PATO BRAVO (Rossio do Sul do Tejo). — O livro «7.ª Arte», do nosso camarada da redacção Mota da Costa, serve plenamente a finalidade que tens em vista. — Escreve à Dorothy para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Atender-te-ei, sempre, com o maior prazer.

1054 — JACINTO (Tomar). — Gostei muito da tua carta! Vejo que o teu amor pela Terra não embotou, mas afluou, a lâmina corescente da tua ironia. Que adoráveis críticas à *Balalaika* («o *Balalaika* canta indubitavelmente muito bem — já a *Balalaika* tem menos valor»), aos *Escândalos de Amor* («bem escandalosos pela insignificância»), ao *Sinal do Zorro* (registo o teu fraco «pelos floreios da espada francesa, se bem que a do Zorro te parecesse americana»), etc. Não há dúvida, «meu príncipe»! A permanência em Tomar não te fez mal. Mas tenho tido saudades tuas, sabes?! Saudades como as que sentes «das queridas árvores, quatro vezes mais velhas do que tu, arrancadas pelo ciclone»... — Compreendo o teu desgosto por haveres falhado o *Pórtio de Abrigo* («Tanta esperança que eu tinha de vir a compreender a engrenagem dum espionagem de guerras...»). Vejo, Jacinto amigo, que continuas ir-

reverente. Não resisto à tentação de transcrever aquele passo da tua carta em que comentas a foto do casamento da Deanna: «uma doce visão, ao lado de um caixeiro de mercearia». Pobre Vaughan Paul! E quem te diz que a felicidade não está por detrás dum baleão, nas mãos do homem que embrulha, em papel de jornal, uma quarta de sabão de amêndoa?! Nos tempos que vão correndo, são eles ainda que te podem apresentar com aquele baehau, que te vi comer com tamanho entusiasmo, quando, pela última vez, vieste a Lisboa. — Espero que me tornes a escrever, quando a rôla cantar de novo... — Até agora só uma carta tua. Das outras duas, não tenho notícia. — Vi logo quem era a pessoa que poderia adoptar para pseudónimo o nome de «Meu príncipe», sem o deslustrar...

1055 — MORENINHA INSI-NUANTE II — Não te zangues Moreninha, que te fazes feia. Aqui há a confusão pela certa! O pseudónimo *Moreninha Insinuante* pertence a uma leitora do Funchal. Só essa tem o direito de o usar. De modo que não me voltes a escrever com ele, porque eu não o poderei aceitar, sob pena de continuarem estas confusões, que tanto te exasperam. Combinado?

1056 — UMA BONECA VOLÚVEL (Funchal). — Respondo duma assentada, a três cartas tuas, que chegaram ao mesmo tempo à minha mão, se bem que da primeira à terceira vá mais de um mês de distância. — Podes escrever ao Tyrone Power e ao Richard Green para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — *Maldição da Índia* é um bom filme. As cenas da inundação são feitas com invulgar realismo. — A Dorothy Lamour tem 27 anos. Aos 17, ganhava um concurso de beleza e era proclamada Miss New Orleans. Bendita a mãe, que a deu ao mundo! — Registo a tua declaração de que me recebas com música e foguetes, quando um belo dia eu for à Madeira. E deixa-me dizer-te que não irei por causa das Gibraltinas, mas sim para conhecer as minhas simpáticas consulentes do Funchal: tu, *Uma Loira Madeirense*, *Uma Moreninha Insinuante*, etc., etc. — Transmittito agora, em ramalhete, as tuas saudações a *Rey... sem trono*, *Luiz XV*, *Exilado do Mondego*, *Eva do Século XX*, *Joe Mox*, *Caminheiro Solitário*, *Um admirador de Silvia Sidney*, *Ninon*, *Ninette*, *Swing Cinéfilo*. — E até à próxima!

1057 — UMA LOIRA MADEIRENSE (Funchal). — Respondo a duas cartas tuas: uma que me escreveste do Monte, outra do Funchal. A última resposta para ti apareceu lamentavelmente «gralhada». Imagina que escrevi «madressilvas» e a «clintope» gravou «madrinhas». — Fico ciente de que o «Monte» é, como o Bussaco, o refúgio favorito dos noivos. De resto, toda a Ilha da Madeira, ao que me dizem, é um paraíso, mesmo para os celibatários.

Bel-Tenebroso

A ETERNA PRIMAVERA DA VOSSA PELE SÓ PODE SER CONSEGUIDA USANDO DIARIAMENTE O CREME DE BELEZA «MIRITA». É UM PRODUTO «TAIPAS».

Ariel L. Vargas

(Conclusão da pág. 4)

«A minha primeira reportagem de êxito universal foi a da bênção dada pelo Papa Bento XV em 1920. Até aí, o Papa já mais fora fotografado para a tela, nem havia autorização para o fazermos. Alguém possuía o monopólio de fotografar o Vaticano. Calhou vir da América um grupo de certa Associação Católica, cujo único objectivo era obter a bênção papal. Pediram-me para filmar a cerimónia. Mas, como conseguí-lo. Só havia duas soluções: instalar-me secretamente, com a câmara na Capela Sixtina, ou esperar pelo cortejo no exterior. Optei pela segunda forma. Montei a câmara num carro e pus-me de

atalaia. Quando sua santidade passou e lançou a bênção aos americanos, dei à manivela. Mas, ao Papa nada escapava. Deu pela minha presença e eu não tive outro remédio senão fugir a bom fugir. Nesse tempo, as autoridades do Vaticano não tinham alçada fora d'ele, para efeitos policiais, e as de Roma não queriam meter-se nos assuntos que ao Papa diziam respeito. De forma que o meu objectivo único consistia em atingir Roma. Vali-me da confusão que o caso provocou e, com efeito, daí a dias, a minha reportagem era disputada pelos exhibidores de todo o Mundo.

E aqui termina a minha conversa com Ariel Vargas, que anda preocupado com o regresso à

Annie Vernay

(Conclusão da pág. 3)

ra vir a Lisboa assistir à estreia de «Werthers», acabou por só aparecer na capital portuguesa quando da guerra a perturbou na sua pátria.

Tinha casado; vinha a Portugal passar a lua de mel. Seu marido, um jornalista inglês, levou-a para o Estoril.

Os jornalistas, que têm bom furo, puseram-se em campo. «Ani-

matógrafo» lançou-se também em pesquisas. Mas foi inútil. Os recém-casados não se encontravam ao alcance dos indiscretos. Nos hotéis, ninguém viria a formosa protagonista de «Tarakanova».

Afinal, os noivos, viviam numa residência particular, sossegados e tranquilos. Quando foi possível descobri-los, era tarde: Annie Vernay e o marido iam mar fora, a caminho da Argentina, num camarote do «Cabo da Buena Esperanza».

A bordo, a actriz foi atacada de febre tifóide. Quando desembarcou, levaram-na para o hospital francês de Buenos Aires. Mas os cuidados médicos foram impotentes para salvar Annie Vernay.

Os restos mortais da protagonista de «Otages» foram inumados no Pantéon da Sociedade Filantrópica Francesa. Assistiram à cerimónia Louis Jouvet, artistas da sua companhia e actores argentinos.



Consta que Oliveira Martins vai dedicar-se a director de produção, por não concordar com as administrações de certos filmes.

Para alguma coisa lhe há-de servir o curso de Ciências Económicas e Financeiras!

Quando, no Rio de Janeiro, Fernando de Barros viu Douglas Fairbanks Jr. na praia carioca, vestiu um roupão, correu a ele, pediu-lhe uma entrevista para «Animatógrafo» e, depois de ter a hora marcada com o protagonista de «A Patrulha da Alvorada», fez os cem metros na direcção das salvas ondas, desfez-se do roupão, experimentou os «biceps» e mergulhou na água, com a arrogância dum herói.

Mas, segundos depois, ouviram-no gritar, aflitíssimo:

— Socorro! Socorro! estou desgraçado! Isto só a mim! Só a mim! Sou um desgraçado! Sou um desgraçado!...

Fez-se um movimento na praia e alguns banhistas correram a deitar mão a quem assim gritava.

— Só a mim! só a mim! — berrava ele, escabujando e querendo mergulhar de novo, como se procurasse qualquer coisa. — Tenho uma entrevista marcada com o Douglas Fairbanks Jr., para daqui a uma hora, e perdi o meu dente postico!

América. Receia muito ter de voltar para Espanha. Os transportes escasseiam e as dificuldades consulares são cada vez maiores.

Faço-lhe uma única pergunta mais e ele responde:

— Não! Não tenciono filmar seja o que for em Portugal. Para quê, se os espectadores só querem guerra e o vosso país é um prodigioso reducto da paz?!

RAÚL FARIA DA FONSECA

CINEMA ITALIANO

(Conclusão da pág. 6)

dos melhores filmes italianos, porquanto o cinema português há de encontrar neles o que não pode buscar, por exemplo, nas produções americanas: — uma afinidade espiritual.

Para além do quadro italiano, e portanto latino, o espirito europeu, velho de muitos séculos, amálgama de muitas civilizações, paira nos filmes produzidos sob o sol da Itália.

No decorrer dum ano inteiro, a produção nacional faz emergir aqui e além oásis de frescura e espontaneidade, onde a nossa língua assoma por instantes para logo dar lugar a uma algarviada estranha ao nosso povo.

Como cinéfilos entusiastas, aspiramos que nos dêem o melhor que podem oferecer a Espanha, o Brasil, a Argentina, o México.

E não nos esqueçamos que aqui, na Europa, existe um cinema em maré de ressurgimento, preñado de ensinamentos, exemplo de cinema independente de fórmulas mecanizadas, monótonas à força de se repetirem.

Certamente, uma grande lição há a tirar do passado, do presente e do promissor futuro do cinema italiano.

Assim a saibamos compreender — e aproveitar.

A. DE CARVALHO NUNES



O «4-H Club», organização americana da qual fazem parte milhões de filhos de agricultores, solicitou da Fox a realização da fita «Young America» para a qual foi aprovado um orçamento de \$500.000, ou sejam 12.000 contos. Jane Withers será a estrela e Louis King o realizador. As notícias chegadas até nós dizem-nos, não só que se trata duma iniciativa da juventude americana, mas ainda que os milhões de sócios do «4-H Club» colaborarão na fita. Eis uma atitude da mocidade digna de ser meditada, aplaudida e aproveitada.

Ao «city council» de Miami baixou o pedido, feito pela gente pobre da cidade, de se reduzirem os impostos dos

espectáculos cinematográficos, uma vez por semana, de forma a permitir-se aos exhibidores a iniciativa de sessões a preços reduzidos, as quais só poderão ser utilizadas pelos desprotegidos da sorte, mediante a apresentação de documentos que atestem pobreza. O pedido fundamenta-se no facto de o espectáculo de cinema constituir uma «necessidade moral». A Câmara tomou nota da petição e negociou com exhibidores e distribuidores a melhor maneira de se chegar a resultados práticos.

Se bem que, entre nós, o S. P. N. tenha tomado já providências de idêntico alcance, nem por isso esta ideia deixa de ser digna de aproveitamento pelas entidades portuguesas de quem o assunto depende.

Sidney Burton criou no «Variety» uma secção («Nix for Pix») em que sugere o que se deve evitar, à maneira de «coisas que não estão certas».

Em algumas das suas sugestões, sobre as coisas a banir:

— O abuso das comédias de Marido e Mulher (Mr. and Mrs.);

— Os Trailers dos programas duplos;

— Os banhos das beldades, as corridas de motocicletas, o lançamento de navios à água e as peripécias dos rodeos, nos jornais de actualidades;

— A estupidez depressiva das comédias — complementares (de uma ou duas partes);

— As «lições» de amor, namoro e casamento, que os realizadores pretendem dar nos seus filmes;

— As estrelas de cinema que se imaginam autoridades na solução de problemas universais;

— Os produtores que pretendem ensinar aos exhibidores como se administra um cinema;

— Os exhibidores que pretendem ensinar aos produtores como se fazem fitas;

— A justiça de «olho-por-olho», sugerida nalguns filmes;

— Etc., etc., etc.

Por esta pequena amostra, Mr. Burton não parece de todo impertinente. Oxalá, alguém o oiça e aceite, ou faça aceitar, as suas sugestões.





Michèle Morgan, a famosa estrela francesa que se encontra na América sob contrato da RKO-Rádio, envia-nos, de Hollywood, esta linda fotografia em que apresenta um lindíssimo modelo indiano, criação de Edward Stevenson, mestre costureiro dos estúdios de além-Atlântico.

O vestido é maravilhoso e nele se combinam, por uma forma imprevista, três cores garridas: o azul, o branco e o vermelho.

Esclareçamos que Edward Stevenson quis prestar homenagem à França, ao criar este modelo único, para o guarda-roupa de Michèle.

A moda americaniza-se? — pergunta-se.

*Michèle
Morgan*

Depois de Paris, caberá a vez a Hollywood de ditar leis sobre tão delicado assunto?

Eis o que se não sabe.

De qualquer maneira existe a moda americana, a moda cinematográfica, independente, viva, feita para viver o espaço duma manhã ou duma noite.

Porque, leitoras, não sabemos se já deram por isso, mas a verdade é que a moda universal é, hoje ditada pelos filmes.

A propósito, queremos informar que Michèle Morgan é a intérprete de dois novos filmes da RKO-Rádio: «Joana de Paris» e «Jornada do Médico», duas produções de grande categoria.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



CHARLES BOYER e PAULETTE GODDARD terminaram há pouco, conforme noticiámos, «HOLD BACK THE DAWN», para a PARAMOUNT

ESTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: FRED ASTAIRE